

Dia 14, reinício da renegociação

28 NOV 1984

O vice-presidente no Brasil do Citibank, Alcides Amaral, anunciou para o dia 14 de dezembro o segundo encontro entre as autoridades brasileiras e o comitê de assessoramento dos bancos credores para discutir a fase 3 da renegociação da dívida externa do País. Segundo o dirigente do Citibank — que lidera o comitê renegociador —, o Brasil não vai obter dinheiro novo em 1985, nem mesmo nas linhas de crédito comercial e interbancário. O presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, disse que a reunião com os banqueiros ainda não foi convocada — poderá contar com a presença do ministro do Planejamento, Delfim Netto — e que a renegociação da dívida junto ao Clube de Paris só começará depois do acordo com os bancos privados. Por isso é possível que a renegociação da dívida de governo a governo fique para a futura administração do País.

Amaral justificou a ausência de resultados concretos na primeira reunião do ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, e do presidente do Banco Central com o comitê renegociador, há duas semanas, lembrando que o encontro visava apenas à troca de impressões sobre a macroeconomia, sobre a economia mundial e a brasileira e “ninguém entrou em detalhes da fase 3 de renegociação”. Na reunião de 14 de dezembro, o Brasil e os credores abrirão o “pacote” da renegociação e, segundo o dirigente do Citibank, o governo deverá dispensar dinheiro novo, sob qualquer modalidade de crédito, dos bancos privados. O dirigente observou que os bancos já mantêm financiamentos comerciais ao Brasil de US\$ 200 milhões acima do compromisso da renegociação deste ano, com o saldo variável de US\$ 10,2 a 10,3 bilhões, o que mostra “a confiança dos credores no País”. Embora as

exportações aumentem a demanda por crédito comercial, Alcides Amaral ressaltou que os exportadores brasileiros também elevaram o giro dos recursos, o que ampliou a capacidade de financiar dos US\$ 10,2 bilhões liberados pelos banqueiros.

Na linha de crédito interbancário, disse que os bancos brasileiros no Exterior já operam com reservas suficientes e não oferecem ameaça de crise de liquidez. Por isso, ele previu que, a médio prazo, o governo brasileiro não precisará incluir no “pacote” da renegociação compromissos formais de manutenção de depósitos interbancários.

Se não pedir dinheiro novo, o vice-presidente do Citibank afirmou que o Brasil vai melhorar as condições da renegociação global deste ano e poderá lançar desde já as bases para a contratação de empréstimos voluntários no mercado financeiro internacional, nos próximos anos.